

ANTÓNIO OSÓRIO (1933-2021)

Advogado e poeta, uma das vozes poéticas mais celebradas da segunda metade do século XX, António Osório de Castro morreu na passada quinta-feira, aos 88 anos. Filho de pai português e mãe italiana, fluente nas duas línguas e nas suas heranças culturais, nasceu em Setúbal, em 1933, num estreito contacto com a Natureza, que haveria de prolongar na sua quinta de Palmela, onde se refugiava do frenesi dos tribunais. A infância foi povoada ainda pela Literatura, a Pintura e a Música, o que o conduziu a uma vocação poética revelada precocemente. No entanto, só haveria de publicar o seu primeiro livro de versos, *A Raiz Afetuosa*, em 1972, aos 39 anos. Já era, na altura, um advogado conceituado, tendo ao longo do seu percurso profissional ocupado vários cargos de relevo, nomeadamente na Ordem dos Advogados, de que foi bastonário, entre 1984 e 1986. Foi diretor das revistas de *Direito do Ambiente* e do *Ordenamento do Território e Foro das Letras*, da Associação Portuguesa de Escritores-Juristas. Representou Portugal na Convenção de Haia presidiu à Delegação Portuguesa do Tribunal Europeu de Arbitragem. A sua poesia, de que fazem parte ainda *A Ignorância da Morte*, *O Lugar do Amor*, *Décima Aurora*, *Adão*, *Eva e o Mais*, *Planetário e Zoo dos Homens*, *Casa das Sementes* ou *A Luz Fraterna*, foi por diversas vezes distinguida. O JL, do qual foi colaborador muitos anos, com crónicas fixas nos anos 80 (*A Vida Inteira*) e 90 (*As Três Chaves*), aqui evoca o seu percurso e poesia

Gratidão: palavra de poesia

ANTÓNIO CARLOS CORTEZ

Para Pedro Osório, neto de António Osório, e Pedro Mexia, amigo do poeta. E para Fernando J. B. Martinho

Foram muitos os leitores da poesia de António Osório (AO), poeta que se estreia em 1972, aos 39 anos com esse livro ímpar, até certo ponto anacrónico, intitulado *A Raiz Afetuosa*: Eduardo Lourenço, Angel Crespo, Carlos Nejar, Lêdo Ivo, Fernando J. B. Martinho, Eugénio Lisboa, António Guerreiro, Joaquim Manuel Magalhães, Vasco Graça Moura, Carlo Vitorio Cattaneo, José Manuel de Vasconcelos, Pedro Mexia, Fernando Pinto do Amaral, Ivan Junqueira, Eduardo Pitta, Carlos Reis, Ana Marques Gastão, Patrick Quillier, Donald Schuler, David Mourão-Ferreira, Rosa Maria Martelo, Fernando Guimarães, João Gaspar Simões...

Se elenco estes leitores da obra de AO é para sublinhar um facto que, sendo-o, nem sempre foi valorizado ou devidamente enquadrado naquilo que respeita à importância desta obra na poesia portuguesa dos últimos 50 anos. É que ao ser lido por tão agudos e exigentes críticos, ao ter conhecido certa internacionalização, com edições em chancelas importantes – em Espanha, Alemanha, França, Itália ou Brasil – a verdade é que AO não seria dos autores de que primeiramente nos lembrássemos se quiséssemos estabelecer um cânone da poesia portuguesa destas últimas cinco décadas.

Não obstante ser a discrição um dos aspetos mais notórios da sua arte, Osório é devidamente citado na antologia *Século de Ouro* (Angelus Novus, 2002), com síntese que convém lembrar resumidamente. Aí se diz (p.626) ter sido autor que, publicando tarde, foi entusiasticamente recebido pela crítica. “Poesia



António Osório

LUIS BARRA

de efeitos discretos e cuidadas mediações, recupera para a poesia portuguesa um sentimento do mundo, que o é primordialmente de uma natureza recolhida e inventariada em herbários e bestiários [...] na celebração da dignidade e segredo inviolado de todos os seres da Criação – tudo isso envolto num halo harmonizador de uma subjetividade” que humaniza o seu olhar de observador participante do mundo.

Se Eugénio Lisboa refere o “mundo descarnado, oficiante, nu, virgem” desta poesia, se Vasco Graça Moura falava de “sageza” e não só de sapiência técnica, é Joaquim Manuel Magalhães quem, no prefácio a *Décima Aurora* acerta em cheio ao referir-se ao “resgate da linguagem” a respeito do que a sua poesia signi-

fica entre nós. Resgate e libertação, uma vez que “entre as palavras e o sentido do mundo [...] ressurgem uma ligação sem sabotagem, uma ironia ou uma afirmação sem a necessidade intermédia de quaisquer retóricas de desvio.”

AO LER *Décima Aurora*, Magalhães apontava como propriedades únicas e ricas da linguagem de AO quer a sua humildade, “uma terna busca de resguardar algumas memórias numa linguagem partilhável, de reter certos sentimentos em vias de extinção”, quer a sua gramática feita de fábulas, de uma respiração frásica onde uma moralidade se faz símbolo e *exemplum*. Tudo moldado em formas poéticas onde o apaziguamento da fúria do mundo se dava

pela escolha de processos como a elipse, o subentendido, em diálogo permanente quer com a poesia grega (Homero, desde logo, pela refinada arte de contar), quer com outras tradições, como seja a italiana (de Dante a Quasimodo e Montale) ou a teoria zen.

De facto, se percorrermos a poesia de AO nela reconheceremos certa austeridade ática, certa beleza versificatória que muito deve à sua familiaridade com os *87 Hinos de Orfeu*, com a antiguidade naturalista dum Ghirlandaio (“O Pungente Grito” é texto inescapável), mesmo com a pintura delicada e varonil dum Piero Della Francesca, ou a evanescente arte dum Mário Botas, não por acaso o autor da capa do seu livro *A Casa das Sementes* (Assírio & Alvim, 2006). Poesia que quis atingir esse raro e difícil compromisso entre o verso e a prosa, em livros como *Décima Aurora* ou *Libertação da Peste*, Osório dá-nos a sua melhor impressão digital, uma poesia de contenção e versatilidade, de discurso deferido, posto que íntimo, abnegado:

IMPRESSÃO DIGITAL

Mancha de veios, abobadilhas sobrepostas, curvas de espirais, truncadas.

Nervuras oriundas de raízes, águas. Decifráveis, testemunhantes por sua única penumbra.

Se Joaquim Manuel Magalhães pode salientar o resgate e a libertação como palavras fundacionais desta poética aura, acrescentaria, até no sentido geracional que a poesia de AO ocupa, dado que a revista *Anteu* não pode descartar-se como inicial momento de aprendizagem de poesia, a insularidade desta voz pelo lado mais descritivo, pouco dado a surrealísticas aventuras de linguagem, mais perto da forma direta e concisa de representação do real, que da sua transfiguração. A havê-la – e há – essa transfiguração decorre da clareza das imagens, no desenho reduzido à dimensão de estatuária (ou a ele elevado). Leia-se um dos mais pungentes poemas de Osório, do volume duplo, *Planetário e Zoo dos Homens*:

O CANTO DO CISNE

Nunca o ouvi.
Que seja inextinguível.
Ou então silencioso
por pudor e tremendo
de raiva.
E que dure o bastante
para que nada fique por cantar.

MOMENTOS HÁ, NESTA POÉTICA que reenvia a Ricardo Reis e nela arrasta a leitura aguda de estoicos e epicuristas (Zenão, mas também Séneca), que diríamos estar em

Poesia que quis atingir esse raro e difícil compromisso entre o verso e a prosa, poesia de contenção e versatilidade, de discurso deferido, posto que íntimo, abnegado